

A ARTE DE SER AVÔ

Albertine Santos, Psicóloga, in Revista Pais & Filhos, 2001

*Fala-se na «arte de ser avô» - expressão que Victor Hugo tornou célebre e que intitula um conjunto de poemas que dedicou aos netos. Hoje, interrogo-me: em que consistirá essa arte? Será que cada um de nós, chegada a altura, a descobre simplesmente a partir do encanto que a presença dos netos suscita?**

Avosar pode ser uma experiência maravilhosa, para avós e netos. Basta ver e ouvir o entusiasmo, a imaginação e a ternura que inúmeros avós revelam a entregar-se a essa tarefa ou a apreciar o gosto que as crianças tantas vezes manifestam pela companhia de avós para afastar qualquer dúvida acerca dessa possibilidade.

No entanto, também, é evidente que muitos avós, por motivos diversos – desde a falta de tempo até às tradicionais tensões entre pais e filhos adultos, sogros e genros, sogras e noras, passando por todo o tipo de impedimentos - não chegam a ter um convívio agradável com os netos. De resto, não é preciso estar especialmente atento para receber queixas de pais que acham que os filhos são mimados pelos avós ou, pelo contrário, que os avós estão «desactualizados», têm demasiadas preocupações com horários, boas maneiras, etc. À primeira vista. As queixas relativas aos mimos parecem ser mais frequentes...

Também é verdade que há avós ocupados com os seus próprios afazeres que optam por ver os netos só de vez em quando e outros ainda que procuram sobretudo «sossego e paz», que evitam os reboiços e acabam por não tirar partido de oportunidades ao seu alcance de estar com os netos.

Assim, a felicidade, tão comum às relações entre avós e netos, não pode deixar de ser o fruto de um belo e frágil equilíbrio entre vários factores. Como tudo o que a vida traz de bom, para subir e crescer, necessita de cuidados e condições favoráveis.

Fala-se na «arte de ser avô» - expressão que Victor Hugo tornou célebre e que intitula um conjunto de poemas que dedicou aos netos. Hoje, interrogo-me: em que consistirá essa arte?

Será que cada um de nós, chegada a altura, a descobre simplesmente a partir do encanto que a presença dos netos suscita? Talvez em parte, mas tudo indica que a nossa própria maneira de ser e de agir também deve estar em causa.

Já me aconteceu pensar no que seria um avô – ou uma avó – ideal e imaginar, assim, alguém sólido e experiente, capaz de aliar uma visão serena e compassiva da vida com uma disponibilidade para ouvir e interessar-se pelo que acontece à sua volta; capaz ainda de ponderar e discernir, nas situações mais difíceis, o que é justo e bom; alguém pronto a dar e receber afecto, livre de egoísmos e ressentimentos...

Hoje, essa imagem parece-me não apenas utópica, como também irrelevante para o que interessa verdadeiramente. Os avós que recordo melhor não eram pessoas perfeitas e os que hoje vejo a desenvolver óptimas relações com os netos tão pouco correspondem a esse ideal imaginado.

Por isso, actualmente, embora sinta o apelo e a necessidade de ir descobrindo a melhor maneira de ser avó aos meus netos, o que me ocorre e orienta não é qualquer imagem de «boa avó», mas um conjunto, mais ou menos disperso, de adjectivos –leve, delicado, complexo, efémero, importante...

Penso tratar-se de uma arte leve, porque o papel dos avós inscreve-se habitualmente no fluir da vida quotidiana dos netos, confundindo-se com ela e sujeita os ritmos e regras que os pais estabelecem. Salvo circunstâncias excepcionais, não envolve nem grandes atitudes, nem responsabilidades pesadas, nem tomadas de posição complicadas, nem de respeito, recursos ou capacidades extraordinárias. Contudo, reconhecer e respeitar os nossos filhos adultos no seu papel de pais pode não ser fácil.

Apercebo-me também que é uma arte delicada. Na realidade, embora se trate de uma arte «de trazer por casa», envolve profundamente emoções, sentimentos e valores, atingindo, assim, em cada um de nós, o que existe de mais íntimo e eventualmente vulnerável.

Daí a complexidade. A relação entre avós e netos traduz todas as vicissitudes e aspirações inerentes à vida afectiva, do princípio ao fim da vida. Três gerações sucessivas estão necessariamente implicadas, bem como toda a densa rede de relações que foram recendo entre si, ao longo do tempo.

Efêmera, é fácil perceber porquê: ter netos aproxima-nos da entrada do universo respeitável e temido da velhice. Avós, sentimos o tempo a correr « cada vez mais depressa», como se costuma dizer. Na infância, parecem imensos e intermináveis, sabe-se que vida tem fim, mas as preocupações são outras.

Finalmente, sinto que a arte de ser avó, longe de ser uma «gracinha» que traz alegria à vida de muitos avós e netos, é mesmo importante. Para além do apoio – constante ou pontual – que hoje tantas vezes os avós representam para os jovens pais, julgo que é preciso compreender melhor o que os avós trazem de insubstituível aos netos.

Estou convencida que muitos avós, intuitivamente, sabem da sua importância para os netos. Contudo, numa altura em que os jovens pais estão facilmente sobrecarregados, os avós, também eles, correm o risco de perspectivar o seu papel junto dos netos, sobretudo em termos de ajuda aos filhos